

A DIALÉTICA DO DISCURSO ESTEREOTIPADO E SEUS EFEITOS DE VERDADE

DOI: 10.47677/gluks.v23i1.358

Recebido: 27/02/2023

Aprovado: 11/07/2023

FERÉ, Liz ¹

RESUMO: A proposta deste texto é refletir sobre o discurso estereotipado contra moradores de favelas de duas grandes capitais brasileiras: Rio de Janeiro e São Paulo. A reflexão repousa na ideia de que esses enunciados são construídos com efeitos de verdade e funcionam como estratégias de manipulação de opiniões. A problemática que nos ocupa é compreender em que medida o discurso estereotipado impõe-se como verdade de uma pessoa/grupo sobre outro. O escopo teórico está fundamentado na análise do discurso, mais especificamente com relação ao modo de organização enunciativo, voltado aos protagonistas da enunciação; em diálogo com a noção de efeitos de verdade; e com a contribuição da psicanálise sobre o Grande Outro e a verdade do sujeito do inconsciente. O *corpus* analisado é composto de fragmentos da letra da música "*Causa e efeito*", do rapper carioca MV Bill, de 2010; em contraste com trechos do relato sobre a vida na favela, do Funkeiro paulista MC Chaleks, de 2022. A partir das análises, observaremos o funcionamento de dizeres que constroem uma imagem negativa sobre os moradores e pela mesma ocasião contribuem para a estigmatização das favelas e, assim, relegam toda a população que vive nestes bairros à margem da sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Discurso, Estereótipos, Imaginários sociais, Verdade, Manipulação.

Introdução

A ideia deste texto surgiu de uma reflexão sobre o lugar e a importância dos (pré)conceitos e dos estereótipos nas relações dialógicas brasileiras. O que resulta dessa reflexão são formas de categorizar e discriminar negativamente, de maneira explícita e/ou implícita, pesso-

¹ Psicanalista, Professora doutora em Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade Paris VIII. Pertence ao laboratório de pesquisas Centre d'études sur les Médias, les Technologies et l'Internationalisation (CEMTI), unidade de pesquisa da Escola doutoral da mesma universidade. É membro da l'Association des Discours d'Amérique Latine (ADAL).

<https://orcid.org/0000-0001-9210-4568>

E-mail: info@lizfere.com

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan/jun, 2023-ISSN: 2318-7131-vol.23, nº 1

as, grupos, lugares e situações. Os elos dialógicos entre esses atores são tecidos com base em relações de força e/ou de dominação de um grupo sobre outro.

Esses laços discursivos nos remetem a Charaudeau (2009), quando nos mostra que o discurso é um percurso de significância inscrito num texto e que está subordinado às condições de produção, dos locutores e dos interlocutores. Nesse sentido, um mesmo texto pode conter diversos discursos, inclusive de sentidos opostos, e, simultaneamente, um mesmo discurso pode atravessar textos diversos.

Este estudo trata de aspectos da vida cotidiana nas favelas, mas sobretudo do sentimento dos moradores com relação à maneira com que são vistos e falados pelas pessoas que “moram no asfalto”. Tal expressão “morar no asfalto” (em ruas asfaltadas) foi construída em alteridade com a de morar no “morro”, ou seja, nas favelas/comunidades ou periferias.

Neste texto, faremos referência ao termo “*favela*” pelo seu caráter de legitimidade construído tanto na fala do entrevistado MC Chaleks, quanto na letra do rapper MV Bill, que compõem o *corpus* desta pesquisa. Por *favela*², entendemos aglomerados habitacionais pertencentes às médias e grandes cidades. Esses aglomerados são formados por camadas desfavorecidas da população e compostos por casas construídas de maneira informal em terrenos frequentemente irregulares e de elevado risco em áreas distantes dos centros urbanos, onde o acesso aos serviços básicos e a infraestrutura são fortemente comprometidos. (IBGE, 2019). Nesse sentido – em uma sociedade hierárquica e desigual como a brasileira – essas camadas menos favorecidas da população sustentam um sistema de privilégios do qual elas mesmas são excluídas. É importante contextualizar a hierarquia que marca a desigualdade social no Brasil. De acordo com o sociólogo Jessé Souza (2016), somente 20% da população brasileira é realmente privilegiada. Destes 20%, apenas 2% constituem a chamada “elite” — aquela que dispõe, sobretudo, de capital econômico — os outros 18% desse grupo formam a “massa” da elite, que seria a chamada “classe média alta”. Esses 20% detêm as rédeas da sociedade. Os 80% “restantes” situam-se nos mais variados níveis da classe trabalhadora e incluem também as camadas precárias. Abaixo de todas elas, está o grupo que Jessé Souza chamou de “ralé”,

2 Conceito da palavra “Favela”: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=acesso-ao-produto>

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan/jun, 2023-ISSN: 2318-7131-vol.23, nº 1

que corresponde às classes D e E³, lembrando que, atualmente no Brasil, (janeiro de 2023), o salário mínimo é de R\$ 1.302,00⁴.

Assim, a “ralé” é composta pela massa destinada ao trabalho braçal e para a qual quase todas as oportunidades de crescimento são inacessíveis. A maioria das pessoas que formam as classes precárias e a "ralé" são negras e pardas⁵. A discriminação racial é um dos pontos centrais da desigualdade e da injustiça social no Brasil.

Propomos a ideia de "efeitos de verdade", uma vez que os indivíduos assumem discursos com efeitos verdadeiros, porque os enxergam como inquestionáveis, a exemplo de discursos religiosos ou moralistas (relativos à construção de comportamentos baseados em condutas morais rígidas). Dentro desta perspectiva – do discurso de "verdade" –, a problemática desta investigação visa a entender em que medida o discurso estereotipado é (im)posto como inquestionável. Na sequência desta trama dialógica, propomos a seguinte estrutura: **(a)** reflexão sobre a noção de efeitos de verdade, baseando-nos nas teorias de Foucault (1984) e Charaudeau (2020) entre outros; **(b)** introdução da questão sobre a verdade do sujeito do inconsciente e a noção de inferência charaudeausina e, na sequência, o conceito de discurso estereotipado. A abordagem teórica será ancorada na análise do discurso e terá influência da psicanálise laciana no que diz respeito à posição do sujeito na construção de discursos inconscientes; **(c)** daremos continuidade apresentando a metodologia e o *corpus*, este construído com base nas propostas de Charaudeau (2009), com enfoque nas variáveis de um mesmo contrato comunicacional em um intervalo de doze anos. Esse *corpus* foi constituído pelo discurso do rapper carioca MV Bill (Morador da Cidade de Deus – Rio de Janeiro), em fragmentos de sua música

3 O que se pode dizer sobre as classificações : Antigamente, as classes sociais estavam oficialmente designadas em A (os ricos, a camada da população que recebia mais de 20 salários mínimos mensais), B (as chamadas classes médias, os que recebiam de 10 a 20 SM) e C (classe baixa, aqueles que não recebiam nenhum salário ou que ganhavam até 10 SM). Nos anos 2000, um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), dirigido pelo economista Marcelo Neri, demonstrou ser insuficiente para explicar como um indivíduo poderia ganhar até mais de mil vezes que outro. Na tentativa de traduzir mais finamente a realidade, foram acrescentadas, com base na renda, as classes D e E. A classe D é constituída por aqueles cuja renda mensal vai de R\$ 751,00 até o limite da classe C e a classe E é composta dos mais precários, aqueles cuja renda é nula ou não atinge R\$751,00.

4 Site do Governo Federal : <https://www.gov.br/esocial/pt-br/noticias/novo-salario-minimo-2023-veja-como-registrar-o-reajuste-no-esocial-domestico>

5 Pardo é um termo utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para caracterizar um dos cinco grupos de "cor ou raça" que compõem a população brasileira, junto com brancos, pretos, amarelos e indígenas. Fonte: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/95-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/16049-cor-ou-raca.html>

“*Causa e efeito*”, de 2010, e por trechos do relato⁶ do funkeiro paulista MC Chaleks (Morador da Nova Titan, região do ABC Paulista - São Paulo), em de 2022; e **(d)** considerações finais.

As verdades e seus efeitos semânticos

Desde Platão (428/427 – 348/347 a.C.), para quem a sensibilidade era construída a partir da *doxa*, a verdade já se impunha como conceito a ser investigado e, para ele, ela só seria acessível por intermédio da racionalidade. A verdade inteligível viria, então, desse conhecimento. O pensamento platoniano era pautado como uma forma de batalha entre as representações sensíveis, e a teoria das ideias advindas do saber e do conhecimento. (PLATÃO, 1993). Já em Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), discípulo de Platão, a verdade estaria em nossos julgamentos de percepção ou de conhecimento da realidade. Referindo-se ao discernimento, Aristóteles (2001) nos escreve que, ao deliberar sobre o futuro, o homem exercita a habilidade do discernimento. Ele faz alusão às características intrínsecas de pessoas com atributo de discernir; seriam aquelas capazes de deliberar bem acerca do que é bom e conveniente tanto para si quanto para os outros. (ARISTÓTELES, 2001)

A questão da verdade foi tema de grande interesse das questões filosóficas. Segundo Nietzsche (1844-1900) os conceitos de linguagem que usamos para nos referirmos à realidade são metáforas. Para o autor, um dos problemas em torno do conhecimento é o de acreditar que a nossa linguagem corresponda de forma idêntica ao que é real. Nietzsche então, considera que a noção de "verdade" é:

um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, em suma, uma soma de relações humanas que foram aprimoradas, transpostas e embelezadas poeticamente e retoricamente, e que após longo uso parecem firmes, canônicas e obrigatórias para um povo." (NIETZSCHE, 2007, p. 221).

Nietzsche acreditava que a linguagem dos conceitos é um instrumento metafórico sobre o mundo. Dentro desta perspectiva, o jogo de poder sobre o mundo é (desde sempre) uma disputa de narrativas.

Na sequência desta corrente filosófica, Foucault propõe uma reflexão sobre a produção histórica da verdade. Em Foucault (1984), a enunciação que atua entre as distintas práti-

⁶ Relato enviado pelo aplicativo WhatsApp, em dezembro de 2022.

cas como validação racional de verdade o faz como se fosse verdadeiro. Nesse raciocínio, na arqueologia, analisa-se o jogo de regras definidas entre as práticas discursivas de uma época. Já na genealogia, analisa-se como esses jogos atuam para legitimar as estratégias de poder presentes nas diferentes práticas sociais. Noutra prisma, na genealogia da ética, analisa-se como esses jogos funcionam na condição de auxiliares nos diversos processos de subjetivação que se desdobram das práticas de si.

Logo, o autor nos escreve sobre a existência de duas histórias de verdade:

A primeira é uma forma de história interna da verdade, que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação: é a história da verdade tal como se faz na ou a partir da história da ciência. Por outro lado, parece que existem [...] na sociedade vários outros lugares onde se forma a verdade, onde se definem um certo número de regras do jogo [...]. A partir daí, fazer uma história externa da verdade. As práticas judiciais, a forma como, entre homens são arbitradas as injustiças e as responsabilidades [...] parece ser uma das formas pelas quais nossa sociedade tem definido tipos de subjetividade, formas de conhecimento e, portanto, relações entre o homem e a verdade que merecem ser estudadas. (FOUCAULT, 1990 p. 12).

Assim sendo, cada sociedade tem seu regime de verdade, em outras palavras, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a forma como sancionam (ou não) uns e outros e os procedimentos valorizados para a obtenção da verdade; não esquecendo do estatuto de quem se encarrega de dizer o que funciona como verdadeiro.

O que Foucault chamou de "regimes verdades" dialoga com o conceito de força e dominação de Charaudeau (2020). Na contramão do discurso da *doxa*, que domina o campo das ciências humanas, existe uma distinção entre a relação de força e a de dominação. A distinção do autor é que a *relação de força* é um processo pelo qual ocorre uma alternância de posições de uns e de outros para tentar controlar a interação; a *relação de dominação* é uma consequência que define unilateralmente a posição de superioridade de um sobre o outro. Logo, a relação de força não prejudica o resultado que dela decorre. É no exercício da relação de força que podemos julgar o estado da relação como sendo mais ou menos complementar, mais ou menos fusional, de simetria relativamente antagônica, se é de dominação ou de submissão. A relação de dominação não é, portanto, o todo da relação de força. É apenas um resultado que dela deriva e não pode ser erigida como categoria genérica. Se tomarmos a relação de domi-

nação como uma categoria genérica, não pensaremos a multiplicidade das relações sociais que se desenvolvem [e evoluem] conforme uma pluralidade de hierarquias (CHARAUDEAU, 2020, p. 12).

Assim sendo, as "verdades" fazem referência ao que é construído como verdadeiro e como os indivíduos criam posições discursivas a partir destas categorias de representação dos fenômenos do mundo. De acordo com os postulados teóricos de Charaudeau (2020), essas categorias de representação situam-se na ordem do conhecimento (ciência), visto que

este é um saber objetivante, uma vez que há um apagamento do sujeito para dar lugar ao discurso científico, tal como "segundo a ciência...", entrando assim, na categoria daquilo que pode ser verificado. — ou da crença (opinião) — o sujeito extrai seu saber de sua própria subjetividade. Um saber que não é verificável e é associado aos julgamentos e de tomadas de posições. (p. 28-31).

Ainda em diálogo com a noção de "*regimes de verdade*" de Foucault (1984), Charaudeau (2020) propõe as "*figuras de verdade*". Elas estão ligadas à intencionalidade do sujeito e dependem, conseqüentemente, dos imaginários de saber e de seu modo de enunciação. Essa proposta segue uma tríplice direção: (a) voltadas para o mundo, para dizer o que ele é; (b) voltadas para o próprio falante, manifestando o que ele sabe ou acredita; (c) voltadas para o outro-interlocutor, relativas ao seu direito de saber. Essas orientações enunciativas e os imaginários de saber se articulam e [...] se entrelaçam no curso das interações verbais.

Em suma, o que podemos dizer sobre a verdade é que, de acordo com Charaudeau (2020), a compreensão e interpretação fazem parte das questões languageiras que, concomitantemente, fundam o sentido e apontam para a responsabilidade do sujeito falante. E do sujeito interpretante, como propõe Volóchinov (2017), para quem a escuta também é responsiva.

A verdade do sujeito do inconsciente

No campo da psicanálise, a verdade tem ênfase no pensamento do psicanalista freudiano, Jacques Lacan (1901-1981). Ao seguir as teorias de Hegel (1770 -1831) que formalizou a dialética moderna, Lacan (1998) revisitou os processos relacionados ao inconsciente⁷ e à

⁷ Em Freud (2011), o inconsciente é uma instância psíquica particular, simultaneamente interna e externa ao sujeito, portadora de mecanismos e conteúdos específicos. E designa o conjunto dos processos mentais que não são conscientemente pensados, e até mesmo o estado mental de indivíduos privados da consciência (exemplo o de sujeitos desacordados). O inconsciente é percebido em suas manifestações (em processo de análise), como: atos
Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan/jun, 2023-ISSN: 2318-7131-vol.23, nº 1

transferência⁸ como uma dialética. Isso significa que, na relação discursiva direcionada ao outro, está pressuposto um jogo de contradições e substituições, a partir do qual os pressupostos e subentendidos típicos do processo de interpretação se assentam e provocam atritos (ou ruídos) nas relações entre locutor, interlocutor e o conteúdo da mensagem. Com relação aos não ditos, os pressupostos e subentendidos, segundo Charaudeau (2010) eles funcionam por *inferência*, que é :

Um processo mental pelo qual um sujeito coloca em relação o que é dito explicitamente com qualquer outra coisa que encontra em seu ambiente, como um alhures, um exterior da linguagem que é, contudo, pertinente para construir esse implícito. (CHARAUDEAU, 2010)

Na relação dialética, Lacan (1998) redefine o conceito de transferência com base na ideia de que ela aponta para um "sujeito suposto saber". O que está suposto no processo do saber, portanto, é um sujeito que sabe. Como é o caso dos sonhos. É fato que os sonhos não dizem de um saber do sujeito da consciência, ele acontece com o sujeito do desejo, do sintoma, das angústias, das relações, dos chistes, etc. A proposta lacaniana trata do saber do sujeito do inconsciente. Para ele, o inconsciente é um processo de saber, não um saber dos fatos, mas de extensão, transmissão e de deslocamento do e com o saber.

A relação dialética se estabelece entre aquilo que é posto e suposto enquanto saber. Contudo, nessa relação há uma falta, um fragmento do saber que Lacan (1998) chama de verdade. Nesse contexto, a verdade não é um conteúdo, uma finalidade, como algo que já estaria predeterminado. A verdade lacaniana não trata da verdade do conhecimento, assim como na ficção ou na poesia que só aparece no universo simbólico (cena enunciativa), do sujeito falante.

Logo, a verdade em Lacan (1998) seria uma posição que o sujeito adota e serve-se dela quando está falando com o outro. Nesse diálogo com o outro é que surge a verdade do desejo.

falhos, sonhos, chistes, sintomas. Em Lacan (1966), o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

⁸ O termo transferência, para Freud, dentro de qualquer relação transferencial, constitui um fenômeno presente desde o início do tratamento. Ela corresponde, de início, ao deslocamento de sentimentos amistosos em relação ao analista; nesse sentido, funciona como um poderoso motor do progresso analítico (como de resto de outros tipos de tratamento, que não se propõem a tomá-la como eixo que norteia o processo em direção à cura). SANTOS, Manoel Antônio dos. A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 13-27, ago. 1994.

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan/jun, 2023-ISSN: 2318-7131-vol.23, nº 1

Assim, com essa contribuição advinda da psicanálise lacaniana, propomos um tipo de construção de verdade oriunda dos processos inconscientes. Um exemplo do que podemos chamar de estrutura implícita está na ideia de "*indiferença*", como *modus operandi* na sociedade brasileira. Essa noção é definida como ausência de empatia na relação com o outro e vem se apresentado de forma intensa, uma vez que estamos vivendo em uma cultura do ódio e da brutalidade (real e simbólica). Ódio ao que é diferente, a tudo que não está no universo de expectativas do sujeito possuidor de um ou mais capitais simbólicos. Algo (ou alguém) que não estiver delimitado pelo previsível, que não atender às expectativas de um determinado grupo, é, portanto, excluído.

Nesse sentido, aquelas pessoas, formas de vida, culturas, todo aquele campo subjetivo do outro é colocado em um espaço de anestesia moral, a indiferença. No campo político, isto atinge proporções excludentes, realimentando formas de tratar o outro pelo método da esqui-va, no qual o sujeito (ou grupo de sujeitos afins) tenta transformar a sua realidade ao invés dele mesmo (DUNKER, 2015). Dentro deste processo, não há somente inviabilização do ou-tro, mas uma negação de sua existência, de seus direitos e de sua subjetividade.

O discurso estereotipado

Nesta seção, discorreremos sobre o discurso estereotipado por meio de uma breve se-quência cronológica sobre a evolução conceitual desse tipo de discurso.

Iniciamos esse seguimento com a concepção trazida por Lippmann (1921), que en-tende ser o estereótipo difundido de forma tão consistente e peremptória [que passa de gera-ção em geração], que parece “ser quase biológico, o cerne da tradição pessoal, as defesas de nossa posição na sociedade”. Ele salienta que os estereótipos são avaliativos e constróem ex-pectativas, sintetizados por ele na expressão "imagens mentais", conceito que corroboramos. Sua proposta diz respeito ao fato de "presumir que o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele" (LIPPMANN, 1921, p. 37).

Nesse mesmo ano, Lippmann toma a terminologia que vem da imprensa para designar as imagens fixas pelas quais costumamos representar os grupos sociais. Concebido como es-

sencial, mas ao mesmo tempo como potencialmente nocivo, o estereótipo é assim definido desde o início num sentido simultaneamente construtivista e pejorativo. Ele afirma que:

Ela [a noção de estereótipo] precede o uso da razão; é uma forma de percepção, impõe um certo caráter aos dados de nossos sentidos antes que eles cheguem à inteligência. [...] De certa forma, estímulos externos, especialmente quando são impressos ou falados, evocam parte de um sistema de estereótipos, de modo que a sensação real e o preconceito ocupam a consciência ao mesmo tempo. (LIPPMANN, 1921).

Essa é tanto uma tentativa de definição (relativamente) positiva do estereótipo quanto uma descrição dos diferentes usos que são atribuídos a ele. Situado em algum lugar entre o nível perceptivo e o nível conceitual da captação e construção do sentido, o estereótipo inscreve-se num sistema subjetivo, cujos esquemas poderão ser remodelados a cada nova experiência.

Tal definição positiva prenuncia pesquisas linguísticas e certos estudos do texto que visam a fazer do estereótipo um conceito operacional. Os usos ora negativos, ora positivos do estereótipo (em particular em sua função identitária) serão bem descritos pela psicologia social e, mais amplamente, pela sociologia. A propósito, a psicanálise também descreve esses usos do estereótipo com relação a este *Outro*⁹, que julga e que relega lugares, sobre o qual falaremos mais adiante.

Na linha entre a psicologia e a linguística, a psicossistemática desenvolvida por Guillaume (1973) distingue o pensável (tudo o que pode ser pensado) e o pensamento (o resultado de uma apreensão pela linguagem do pensável), para poder apreender o duplo percurso onomasiológico¹⁰/semasiológico¹¹ do sentido: (1) do percebido ao concebido e do concebido ao dito, (2) do dito ao concebido e do concebido ao percebido.

9 Com letra maiúscula, pois estamos fazendo alusão ao conceito de pequeno e grande Outro teorizado por Lacan. Este conceito foi teorizado na obra "*Escritos*", versão francesa de 1966.

10 Por onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada ideia, examina as várias maneiras com as quais essa ideia encontrou expressão na palavra. Por Vittorio Bertoldi: BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v.58, n.2, p. 38-41, June 2006.

11 Estudo dos sinais e símbolos, das relações que mantêm entre si e do que representam, semântica.

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan/jun, 2023-ISSN: 2318-7131-vol.23, nº 1

Com o passar do tempo, simbolicamente, o termo sofreu uma ressemantização, tornando-se uma representação ou imagem preconcebida de algo ou alguém. Para a ideia de representação, trazemos o ponto de Moscovici (1978) ao dizer que "a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos".

Sobre os usos do estereótipo com relação ao *Outro*, a noção lacaniana de pequeno e grande Outro, mas vale salientar que Lacan não era didático assim como Freud e tantos outros. Dessa forma, suas obras dão espaço a várias interpretações. Eis aqui a nossa. Em linhas gerais, a diferença entre os dois "outros" em Lacan (1998) é que o *pequeno outro* seria qualquer pessoa, alguém a quem tratamos de igual para igual, como, por exemplo, irmãos e colegas. O *pequeno outro* é aquele cuja palavra não tem um grande impacto na vida do sujeito pelo fato de que esse *outro* frequentemente ocupa posições que funcionam como extensões ou projeções do sujeito. Já o *grande Outro* é a linguagem, que não funciona necessariamente com ou sobre uma pessoa, podendo ser, inclusive, uma instância que exerça uma função de autoridade e tenha sua palavra forte incidência sobre a vida do sujeito.

Etimologicamente, o vocábulo *estereótipo* diz respeito a um "traço fixo". De acordo com Going (2023), esse conceito dos *topoi*, traz a ideia de lugar-comum, de clichê e de ideia pré-concebida. Todos esses elementos são dóxicos, uma vez que fixam um conjunto de crenças compartilhadas em um determinado estado da sociedade, que pode ser definida como "o conjunto de pensamentos, fatos ou expressões que, no discurso individual, testemunha uma submissão à opinião dominante ou, pelo menos, à socialidade com a qual esse discurso individual é imbuído, mesmo sem o conhecimento do falante". (DURAN, 2004).

A noção de estereótipo quando conotado pejorativamente, aponta para uma representação simplista, fazendo parte de uma ideia pré-concebida e pouco (ou nada) elaborada, utilizada por todos e com potencial de discriminação quando aplicada a uma ou várias categorias sociais. No sentido construtivo, o estereótipo (o mesmo acontece com as ideias pré-concebidas) aparece como parte de uma estrutura (cognitiva, semântica, social) e como produto de uma conceituação necessária para deslocar do lugar da experiência perceptiva ao da compreensão.

Ainda que utilizemos o termo *estereótipo* com traços semânticos similares, como preconceito, cliché, senso comum, acreditamos que as ideias pré-conceitualizadas dão suporte para a criação de estereótipos e, quando negativos, constroem lugares discriminatórios aos quais pessoas e grupos sociais são relegados. Dessa forma, colocamos o conceito de estereótipo como termo central, como postulado do ponto de partida para a construção de imaginários sociais e posições discriminatórias, que habitam as interações entre os indivíduos e, neste caso, dos brasileiros.

No que tange ao discurso estereotipado, nossa posição está inserida na mesma linha daquela que foi teorizada por Charaudeau (2007), a não ser pelo fato de que priorizamos a noção de estereótipo, e ele a de imaginários sociais. O linguista considera o conceito de estereótipo limitado, na medida em que só é identificável por seu caráter de fixação de uma "verdade" que não seria provada, mesmo que estivesse errada. Assim sendo, refere-se à noção de imaginários sociais, uma vez que esses discursos, ao circularem no espaço público, servem de elo para a construção do que chamamos de consenso simbólico. Concordamos sobre a questão do imaginário discursivo como construção do inconsciente coletivo, em que o linguista afirma que

O imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que [...] constrói significado sobre os objetos do mundo, os fenômenos que aí ocorrem, seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significativo. O imaginário sócio-discursivo resulta de um processo de simbolização do mundo afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas e é depositado na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2007, tradução nossa)

Para este paradigma dialético, trazemos, ainda, a posição de Bakhtin (2017) e de seus pensadores, segundo a qual o discurso é constituído a partir de posições sociais, sendo sempre uma réplica, uma argumentação ou um complemento a um posicionamento com relação a outro discurso. E todo signo, além da dupla materialidade – no sentido físico-material e sócio-histórico –, ainda recebe um ponto de vista, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a com verdadeira ou falsa, [...] positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Logo, todo signo é ideológico (VOLOCHÍNOV, 2017).

Nesse raciocínio, trazemos a ideia desenhada por Charaudeau (2023) em seu último livro *"Le sujet parlant en sciences du langage"*:

[...] o estereótipo funciona como o raio de luz que, direcionado para uma superfície aquosa, é refratado no espaço líquido desviando seu ângulo de incidência, e é refletido dessa superfície voltando à sua fonte: o estereótipo também diz algo desviante sobre o outro (refração) e, ao mesmo tempo, algo verdadeiro sobre aquele que o profere (reflexão). (CHARAUDEAU, 2023, p. 231).

Encerramos essa seção com o postulado charaudeausiano de que os estereótipos são tão poderosos que muitas vezes são usados e instrumentalizados em diversos domínios, como o da política, por exemplo. Neste contexto, seus atores os usam indiscriminadamente para desqualificar o adversário ou estigmatizar grupos. Pode-se dizer que, nesse sentido, os estereótipos estão a serviço da manipulação das massas. (CHARAUDEAU, 2023)

Metodologia

Para respondermos aos objetivos da proposta de reflexão, a metodologia foi construída como segue. A seleção do *corpus* foi construída por trechos de uma música do Rapper MV Bill, intitulada "*Causa e efeito*" (2010), disponível nas plataformas digitais. A letra dessa música foi selecionada pela importância e o impacto dos enunciados para os jovens da periferia. Quanto ao segundo relato, que serve de contraste analítico, foi escrito em 2022, pelo funkeiro MC Chaleks, que detém conhecimento empírico de alguém que reside em uma área de vulnerabilidade social, convive com a desigualdade, a violência, a brutalidade policial e com o racismo.

Quanto aos mecanismos de análise: Apresentaremos a música "*Causa e efeito*" e analisaremos as estrofes com ênfase na análise do discurso de Charaudeau (2009). Em seguida apresentaremos o relato do funkeiro MC Chaleks e analisaremos os parágrafos de sua fala sobre a sua experiência como morador de uma favela de São Paulo. A base teórica dialoga com Almeida (2019), Charaudeau (2009), Foucault (1978), Volóchinov (2017) e Jesus (2019) sobre a vida na favela. Assim sendo, descreveremos as similitudes entre os dois relatos seguindo a mesmo fundamento teórico.

Análises das vozes discriminadas em diálogo com o Outro

A linguagem utilizada nas periferias renova-se com frequência e funciona como um instrumento de reivindicação identitária, e sobretudo, de pertencimento. Percebamos estes

fragmentos da música "*Causa e efeito*" do rapper MV Bill, que dialoga em alteridade com o discurso dominante, que diz:

*No desnível entre a favela e a classe média
Que tratam o gueto como se fosse a África
numa distância que nem chega a ser geográfica*

*Distanciamento provocado pelo preconceito
Como se nascer aqui fosse um defeito
Não é!
É parte de um destino que você ajudou a escrever
quando não quis se envolver..."*

Na primeira estrofe, evidenciam-se como o sujeito se vê em seu contexto social e de como são atribuídos sentidos distintos para a palavra *distância*:

- (i) a de caráter geográfico entre a favela e o bairro de classe média, que é minimizada, decorrente do espaço urbano muitas vezes contíguos; e
- (ii) a de cunho social avaliativo, a partir do qual a discriminação motivada pelo preconceito faz ver como defeito o fato de morar numa favela.

Ao responder "Não é!" – a ênfase foi inserida por meio do isolamento do verso no texto e o ponto de exclamação (além da entonação expressiva na música oralizada) –, o *rapper* orienta seu discurso em oposição às vozes preconceituosas.

Segundo o pensamento bakhtiniano, toda a palavra torna-se um indicador de transformações sociais. Para ele, a enunciação é socialmente determinada na sua forma. A orientação social da enunciação manifesta-se na entonação e, de acordo com o filósofo, isto se articula em três níveis: (i) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes (imagens que circulam sobre as favelas e seus moradores); (ii) a compreensão comum da situação; e por fim, (iii) a valoração subtendida e compartilhada pelos participantes da situação (VOLÓCHINOV, 2011).

O enunciado "Não é!", presente na música de MV Bill, faz oposição e denuncia a valorização implícita e compartilhada por aqueles que estigmatizam as favelas e, por consequência, seus moradores.

Por fim, ao dizer “É parte de um destino que você ajudou a escrever/ quando não quis se envolver...”, marca a (não) presença do outro na construção daquela realidade.

Notemos que este "outro", que não quis se envolver, é também incluído como "parte do destino que ajudou a escrever", em outras palavras, pelo silenciamento. É um dos responsáveis pelo destino precário no qual vivem milhares de brasileiros.

Essa ideia de desdém aos moradores das favelas é trazida pela escritora Carolina Maria de Jesus, em seu livro "*Quarto de despejo*" (1960):

[...] Nós os pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 2019, p. 54).

É um discurso que dialoga com a narrativa do funkeiro MC Chaleks, de 26 anos, morador de uma favela do ABC paulista, grande São Paulo. Seu relato foi escrito em 2022:

*A Estigmatização Do Favelado No Meu Ver, Vamos Lá
Parti Deis Do Começo
O Brasil Tem 500 Anos De História Certo,
Claro Os Índios Tava Ai Antes Pah e Pum Mas, E Deses 500 Anos Foi Escravidão
O Que Eu Quero Dizer Que
Deis De Quando O País Foi "Descoberto" Essa Parada Rola Saca,*

*E Venho Caminhando Até Os Dias De Hj, E Até Uma Forma De Racismo Isso,
Por Que Uma Pessoa Que Tem A Pele Mais Clara E Mora Na Favela Ela Sofre Bem Menos
Preconceito Do que Um Negro O Que Baguio Loko,
E É Muito Ruim Isso Afeta Bastante Na Autoestima Do Favelado Em Muitos Casos O Mano
A Mina Que É De Quebrada Tem Vergonha
De Falar Que é daqui*

No primeiro parágrafo, há uma base histórica com a menção sobre a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil. No trecho “os índios tava ai antes pah e pum”, a sonoridade e a combinação onomatopaica da expressão *pah e pum* tem a função de enfatizar a ação. O uso

da língua é, fortemente, explorado como mais uma forma de aumentar a distância entre os moradores do "asfalto" e os das periferias, contribuindo para esta longa história de exclusão das comunidades. O uso de gírias e neologismos, que se renovam com rapidez, funciona como contestação a esta estigmatização.

No trecho seguinte "Deis de quando o país foi ‘descoberto’ essa parada rola saca” (no sentido de isto acontece, entende?), a palavra “descoberto” entre aspas, mostra que o funkeiro toma uma distância enunciativa desta afirmação, uma vez que os índios já habitavam essas terras. Quando Chaleks menciona : "E até uma forma de racismo isso", coloca em relevo que o racismo perpetuou-se até a atualidade e vai (re)produzindo as discriminações vividas pelos negros e indígenas na sociedade, neste caso, brasileira. "Por Que Uma Pessoa Que Tem A Pele Mais Clara E Mora Na Favela Ela Sofre Bem Menos Preconceito Do que Um Negro O Que Baguio Loko"

Quando pensamos em formas de autoridade, de preconceito e de estereótipos com poderes efetivos de discriminar pessoas e grupos, o termo que mais nos vem à cabeça é o racismo. Inclusive por que, de acordo com o IBGE (2019), 66,2% dos moradores de favelas são negros, o que reforça o estereótipo de pobreza contra esse grupo. Almeida (2019) nos alerta para essas distinções importantes. Pode-se dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a "raça" (no sentido sociológico) como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Conforme Almeida (2019), no Brasil, o racismo é estrutural e constitui a base das relações sociais, sendo concebido como padrão de "normalidade" e compreendido como uma forma de compreensão das relações interpessoais. Acerca do que é "normal", segundo Foucault (1978) a normalidade pressupõe relações de poder, um poder que classifica, controla e determina o que é normal em cada momento da história, condenando e punindo todos aqueles que não se enquadram na dita "norma".

Por último, na fala : “Em muitos casos o mano a mina que é de quebrada tem vergonha de falar que é daqui” Percebe-se pela palavra "vergonha", como os moradores recebem a imagem que lhes é reenviada e de como isto os afeta negativamente.

Cotejando os dois relatos, podemos observar que, ainda que tenham doze anos de intervalo, eles refletem a mesma realidade de estigmas raciais e sociais.

Essas narrativas nos remetem à teoria de Bakhtin e a seu círculo de pensadores, os quais afirmam que todo enunciado carrega avaliação social. Para eles, quando ela é "forte", estabelece a direção da enunciação, justamente enquanto "subentendida". A avaliação social não está nem no seu conteúdo explícito – no objeto do discurso – nem na forma da enunciação, mas sim na organização geral do discurso, na escolha das palavras utilizadas.

Corroborando a teoria de Charaudeau (2009) quando diz que, ao avaliar um discurso, mobilizamos uma infinidade de outros discursos que não estão explícitos no texto em questão, mas implícitos ou subentendidos e dialogam entre si ou em alteridade. Percebemos esse diálogo nos seguintes relatos: /peles claras são valorizadas socialmente/, em oposição à construção social feita sobre peles retintas, por exemplo. /ou morar em bairros nobres é uma marca de sucesso para a sociedade/, em alteridade as vozes sociais que conotam as favelas como localidades "vergonhosas" para viver.

Isso não impede que os discursos sobre moradores de favelas, gêneros musicais (como *Rap* e *Funk*) e seus valores culturais possam integrar outros tipos de texto, inclusive, eruditos ou triviais, já que o discurso necessita de configuração textual para significar. O que resulta desse processo é um fenômeno de oscilação entre diferentes textos que fazem eco uns com os outros. (CHARAUDEAU, 2009).

Por fim, tanto o Rapper MV Bill quanto o Funkeiro MC Chaleks são protagonistas da enunciação, ambos internos ao ato de linguagem e compartilham do mesmo universo semântico construído sobre os bairros onde residem. Ainda que com uma década de intervalo, os dois refletem e denunciam uma realidade social estereotipada que lhes é atribuída pelo "outro", num discurso que atravessa gerações.

Considerações finais

Concluimos que não há como apreender a sociedade brasileira com todos os aspectos que ela abrange, sem priorizar o problema sistêmico escravagista que perdura até os dias de

hoje. Inclusive porque as vozes em prol das maiorias escravizadas, que ganham o espaço público, ainda enfrentam fortes resistências por parte desta camada abastada da sociedade.

No que se refere à conscientização das questões sobre negritude, olhemos a proposta de Fanon (2013) que, ao mergulhar no conceito, propôs ressignificar a noção de raça à luz das experiências daquele que foi racializado. Isto opera uma mudança significativa no sentido da identidade racial, visto que assim ela se dá pelo olhar de fora da limitação do discurso do colonizador. Fanon indica um duplo processo em que o sistema se apresenta da seguinte maneira: por um lado, o mundo do racializado e como ele se enxerga no interior da raça; e por outro, o mundo de quem racializa.

A partir deste mesmo sistema de referências, podemos observar os preconceitos contra moradores de favelas, os ditos (frequentemente de forma pejorativa) "favelados", que sofrem com desdém e insultos. Visto pelo olhar daquele que discrimina, este desprezo inclui todas as manifestações culturais e o modo de vida oriundos destes bairros.

Os enunciados apresentados permitiram-nos inferir o posicionamento austero desta parcela da sociedade que desvaloriza cidadãos moradores de lugares considerados inferiores na escala social. Esta ideia de imposição de superioridade sobre o outro é corroborada por Bourdieu (1977), ao afirmar que os elos de comunicação são vínculos de poder baseados em relações de violência simbólica, socialmente instituídas. Além do que, todo ato de fala só pode ser colocado em movimento por intermédio de uma experiência pessoal e coletiva que mobiliza as disposições incorporadas pelos agentes durante sua trajetória social (*habitus*).

Propomos, ao longo do texto, alguns elementos para elucidar nosso questionamento central, que foi: em que medida o discurso estereotipado (neste caso, negativo) impõe-se como verdade de uma pessoa/grupo sobre outro? Um destes elementos principais é o de que a estrutura de poder simbólico que possibilita sanções reais de um grupo sobre outro está posta (implícita e explicitamente) como base dialógica das relações em sociedade. Com este "respaldo" – o lugar de quem impõe "verdades" –, aqueles que ocupam posições privilegiadas continuam utilizando subterfúgios da linguagem para evitar qualquer passo na direção do outro. Assim, sem contestações possíveis, este outro continuará sendo preterido à condição de "excluído".

A contribuição da análise psicanalítica nos permite um olhar abrangente sobre a enunciação, uma vez que ela não ocorre no nível do discurso, mas abaixo dele, num lugar onde palavras não ditas, gestos, implícitos e silêncios que ecoam numa sessão, também são (re)produzidas nas interações da vida cotidiana, marcando e (re)forçando posições de poder e/ou dominação.

O que resulta deste processo é uma sociedade que pauta as relações pessoais nas posições sociais ocupadas pelos sujeitos. Vemos claramente uma sociedade dicotômica: De um lado, excluindo o(s) outro(s), está o “seleto” grupo composto por aqueles que ocupam posições “primitivas” na linguagem, pois permitem-se insultar pessoas (os que moram em favelas, por exemplo) muitas vezes publicamente e encorajam-se em função dessa conduta ser aceita socialmente. Do outro lado, a maioria ainda deslegitimada, que reivindica um espaço no discurso social para argumentar sobre e por si próprios, buscando, assim, sair do lugar de silenciamento.

Referências

- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. trad: Mário Gama Kury. 4ªed. Brasília: UNB, 2001.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU P. *Sur le pouvoir symbolique*. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 32^e année, N. 3, 1977. pp. 405-411.
- CHARAUDEAU, P. *Le sujet parlant en sciences du langage. Contrainte et libertés*. Limoges: Lambert-Lucas, 2023.
- CHARAUDEAU, P. *La manipulation de la vérité. Du triomphe de la négation aux brouillages de la post-vérité*. Paris, Ed. Lambert-Lucas, 2020.
- CHARAUDEAU, P. *Um modelo sócio-comunicacional do discurso : entre situação de comunicação e estratégias de individualização*, in Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.),Uberlândia, Ed. UFU, 2010.
- CHARAUDEAU, P. *Les stéréotypes, c’est bien. Les imaginaires, c’est mieux*, in Boyer H. (dir.), *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*, L’Harmattan, Paris. , 2007.
- Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan/jun, 2023-ISSN: 2318-7131-vol.23, nº 1*

CHARAUDEAU, P. *Uma análise semiolinguística do texto e do discurso*. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

DUNKER, C. *Mal-estar, sofrimento e sintoma. Uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo, Ed. Biotempo, 2015.

DURAND, P. *Lieu commun et communication. Concepts et application critique*, dans *Médias et censure. Figures de l'orthodoxie*, sous la direction de Pascal Durand, Liège, Éditions de l'Université de Liège, « Sociopolis », 2004.

FANON, F. *Peau noire, masques blancs*, Paris: Ed. du Seuil, 2013.

FREUD, S. *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise (1912)*. In: *Obras completas*, volume 10: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia ("O Caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913); São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*, Rio de Janeiro, Ed. Nau, 2003.

FOUCAULT, M. *Le Courage de la vérité*. la leçon du 1^{er} février 1984

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. Perspectiva, São Paulo, 1978.

GUILLAUME, G. *Principes de Linguistique théorique*. Québec. Les Presses d'Université Laval, 1973.

GOING, É. dans Anthony Glinoe et Denis Saint-Amand (dir.), *Le lexique socius*, URL : <http://ressources-socius.info/index.php/lexique/21-lexique/201-stereotype>, page consultée le 13 janvier 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Aglomerados sub-normais*: Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=downloads>, acesso: 17 jun. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo*. São Paulo, Ed. Ática, 2014.

LACAN, J. *O saber e a verdade*, In *Escritos*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1998.

LACAN, J. *Écrits*, Paris, Ed. Seuil, 1966.

LIPPMANN, W. *Public Opinion*. New York: MacMillan Company, 1921

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NERI, M. *A nova classe média: O lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo, Ed. Sarai-va Uni, 2012.

NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira*. Ed. Hebra, São Paulo, 2007.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo, Ed. Contexto, 2010.

SANTOS, M. A. *A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana*. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 13-27, ago. 1994.

SOUZA, J. *A ralé brasileira: Quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

VOLÓCHINOV, V. (BAKHTIN, M.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Ed. 34, São Paulo, 2017

VOLÓCHINOV, V. (BAKHTIN, M.) *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

THE DIALECTIC OF STEREOTYPED DISCOURSE AND ITS TRUTH EFFECTS

ABSTRACT: The purpose of this text is to reflect on the stereotyped discourse against favela residents in two major Brazilian capitals: Rio de Janeiro and São Paulo. The reflection rests on the idea that these statements are constructed with effects of truth and function as strategies for manipulating opinions. The problem that concerns us is to understand to what extent the stereotyped discourse imposes itself as truth from one person/group over another. The theoretical scope is based on discourse analysis, more specifically with regard to the enunciative mode of organization, aimed at the protagonists of the enunciation; in dialogue with the notion of truth effects; and with the contribution of psychoanalysis on the Great Other and the truth of the subject of the unconscious. The analyzed corpus is composed of fragments of the lyrics of the song "Causa e efeito", by the Rio de Janeiro rapper MV Bill, from 2010; in contrast to excerpts from the report on life in the favela, by Funkeiro São Paulo MC Chaleks,

from 2022. Based on the analyses, we will observe the functioning of sayings that build a negative image about the residents and at the same time contribute to the stigmatization of the favelas and , thus relegating the entire population living in these neighborhoods to the margins of society.

KEYWORDS: Discourse, Stereotypes, Social imaginaries, Truth, Manipulation.